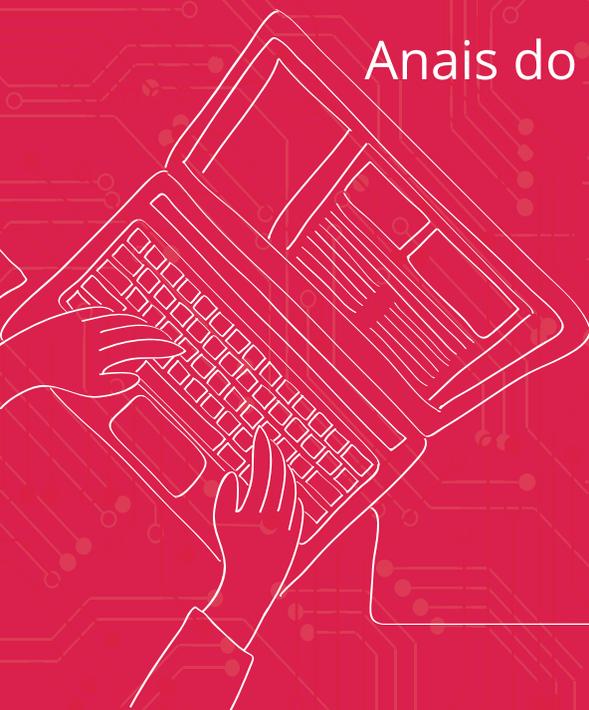




XI CONGRESSO DE DIREITO DE  
AUTOR E INTERESSE PÚBLICO

# **ESTUDOS DE DIREITO DE AUTOR E INTERESSE PÚBLICO**

Anais do XI CODAIP



# XI CONGRESSO DE DIREITO DE AUTOR E INTERESSE PÚBLICO

Eixo temático:

PROPRIEDADE INTELECTUAL:  
Desenvolvimento, Inovação e  
Mercado

Título:

**INDÚSTRIA  
FARMACÊUTICA  
E MEDICINA NA  
PERSPECTIVA DE PETER  
GOTZSCHE**

**Eduardo de Serpa Pinto Fairbanks  
Allan Rocha de Souza**



## INDÚSTRIA FARMACÊUTICA E MEDICINA NA PERSPECTIVA DE PETER GOTZSCHE<sup>1</sup>

**Autores:** Eduardo de Serpa Pinto Fairbanks<sup>2</sup>, Allan Rocha de Souza<sup>3</sup>

**Instituição:** Centro Universitário Serra dos Órgãos. Pesquisador de Iniciação Científica do INCT PROPRIETAS

**Resumo:** É sabido que a indústria farmacêutica de medicamentos estabelece relações com os poderes públicos e também com os órgãos de classe médica e demais profissionais de saúde com o objetivo maior de aumentar as suas vendas e principalmente seus lucros. Em recente livro, o autor Peter Gotzche não usa de meias palavras para definir a atuação destas empresas de mafiosa. Sua pesquisa reúne e organiza estudos de várias frentes para demonstrar a promiscuidade das relações entre esta indústria, a medicina e a prática médica. São várias as estratégias utilizadas e este trabalho, que é o primeiro de um conjunto investigativo maior, tem por objetivo traçar uma visão panorâmica dos problemas pontuados pelo autor, que servirão de base para novas análises, em especial a promoção de modelos de negócios proprietários ou medicamentos protegidos por propriedade intelectual, em contraposição aos modelos abertos e os medicamentos não protegidos nos livros didáticos de medicina no Brasil.

**Palavras-chave:** Indústria Farmacêutica. Medicamentos. Propriedade Intelectual.

---

1 Este trabalho foi desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Allan Rocha de Souza e contou com o apoio financeiro do INCT PROPRIETAS e do CNPq.

2 Acadêmico de Medicina do Centro Universitário Serra dos Órgãos. Bolsista e pesquisador de Iniciação Científica do INCT PROPRIETAS. Integrante do NEDAC e do Núcleo de Pesquisa em Direitos Fundamentais, Relações Privadas e Políticas Públicas. E-mail: [espf\\_eduardo@hotmail.com](mailto:espf_eduardo@hotmail.com). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5236716763931168>

3 Professor e Pesquisador de Direito Civil e Propriedade Intelectual no Curso de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Instituto Três Rios (UFRRJ/ITR). Professor e Pesquisador de Políticas Culturais e Direitos Autorais no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento na UFRJ (PPED/IE/UFRJ). Pesquisador Visitante do Oxford Intellectual Property Research Centre (OIPRC), Faculty of Law, Oxford University. Vice Coordenador e Pesquisador do INCT PROPRIETAS. Doutor em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Advogado e Consultor Jurídico. E-mail: [allansouza@gmail.com](mailto:allansouza@gmail.com). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5178459691896082>

## 1. INTRODUÇÃO

Em meio a tantas epidemias mundiais, destaca-se uma que ascende perante a sociedade sem chamar a atenção da mesma forma que uma doença: a prescrição de medicamentos.<sup>4</sup> Na Dinamarca, os medicamentos são tão utilizados que cada cidadão, doente ou sadio, consome em média 1,4 dose adulta diária todos os dias, desde o nascimento até a morte. O alto consumo de fármacos é baseado no mascaramento de seus efeitos reais pois tudo o que sabemos provém de informações que as empresas querem que saibamos. Grandes empresas farmacêuticas escondem os danos letais de seus medicamentos em grande parte por ostensivamente controlarem o fluxo e o tipo de informação que ficará disponível, tanto em artigos científicos como na comercialização de seu produto. Nos Estados Unidos e Europa, os medicamentos prescritos são hoje a terceira maior causa de morte.<sup>5</sup>

Essa afirmação explica um paradoxo cruel de uma criação do homem feita para curar e tratar, sendo utilizada para fomentar lucros, prejudicando não só seus consumidores, mas principalmente os cidadãos. No entanto, mesmo com números elevados de mortes relacionadas à prescrição de medicamentos, a indústria farmacêutica aumenta a cada dia mais seu contingente de vendas. Neste contexto, o autor desenvolve uma análise bastante afiada sobre as relações entre a indústria farmacêutica e a medicina, cujas práticas não teme em expressamente chamar de “crime organizado”.

É a partir de sua descrição e apontamento dos fatos que se baseia este artigo, que é por sua natureza exploratório e inicial, pois sua finalidade maior é fornecer subsídios para o aprofundamento desta discussão, mas focando nos livros didáticos dos cursos de medicina, a fim de extrair as mensagens explícitas ou subliminares sobre os medicamentos protegidos por propriedade intelectual e os genéricos, sem qualquer exclusividade

---

4 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p01.

5 Ibidem, p01-03.

lhe seja atribuída.

O método utilizado foi o indutivo. O papel dos médicos neste processo de distorção é o primeiro desafio que enfrentaremos. Extremamente revelador e importante, mas não o único meio, logo a seguir enfrentaremos um dos pontos centrais no trabalho de GOTZSCHE, que é chamar atenção para os investimentos em publicidade aos agentes do sistema, ou seja, médicos e pacientes, farmácias e governos. Antes das considerações finais, quando trataremos do projeto de pesquisa que se inicia, encaramos a questão dos genéricos e as dificuldades enfrentadas para sua entrada e concorrência no mercado.

Por ser este trabalho um artigo de apresentação da visão de um autor determinado, deixa-se claro que as opiniões e conclusões, com exceção quando assim destacado, são de Peter GOTZSCHE no livro *Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. É também por esta razão o grande número de referências ao estudo e seu autor.

## **2. A FARMACÊUTICA E OS MÉDICOS**

Com umastronômico aporte financeiro, as grandes empresas farmacêuticas se firmam cada vez mais no mercado por meio de atividades que exerçam influência direta na medicina. E dentre as formas de influenciar a prática médica destacamos nesta etapa a participação direta dos médicos nestas empresas.

A primeira que convém ser dita é o fato de médicos estarem presentes nas folhas de pagamentos dessas grandes empresas. Por mais que médicos possam trabalhar para empresas em prol dos pacientes, a maioria não o faz. É praticamente impossível aos que trabalhem diretamente para as empresas e tragam benefícios expressivos para seus pacientes. Este grupo trabalha nestas empresas na comercialização de seus produtos. Em uma análise de 4036 médicos dinamarqueses em 2010, notou-se a presença de 1626 pesquisadores diretamente vinculados a estas empresas, um número

proporcionalmente elevado.<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo, o progresso verdadeiro no tratamento medicamentoso é raro. Em 2009, 109 medicamentos foram analisados, sendo três considerados uma descoberta terapêutica menor, 76 não acrescentaram nada de novo e 19 considerados como possível risco à saúde pública.<sup>7</sup> 11 a 16% representaram um ganho terapêutico, mas com definições superficiais do que seria ganho.<sup>8</sup>

Podemos estimar que sejam necessários poucos médicos para auxiliar uma empresa a comprovar a eficácia de seu produto. Em um país pequeno como a Dinamarca, com todas as circunstâncias contra, 50 médicos poderiam realizar um ou dois ensaios multinacionais com a permissão da agência de medicamentos para colaborar com uma empresa, para esta garantir a superioridade de seu produto. Contudo, esse número de 50 médicos é 30 vezes menor que a quantidade de médicos com a permissão para serem pesquisadores. Esse elevado número de pesquisadores é explicado pelo sistema de patentes e ao marketing.<sup>9</sup>

É altamente rentável desenvolver medicamentos que contenham as estruturas moleculares semelhantes aos que já estão no mercado. Para uma enfermidade comum, 100 drogas ou mais podem ser desenvolvidas na mesma classe terapêutica, a exemplo de anti-histamínicos, que são

---

6 Danish National Board of Health. [List of permissions for physicians and dentists]. Available online at: [http://ext.laegemiddelstyrelsen.dk/tilladelselaegertandlaeger/tilladelse\\_laeger\\_tandlaeger\\_full\\_soeg.asp?vis=hele](http://ext.laegemiddelstyrelsen.dk/tilladelselaegertandlaeger/tilladelse_laeger_tandlaeger_full_soeg.asp?vis=hele) (accessed November 2010). *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p71. Tabela 8.1.

7 Gagnon M- A. Corporate influence over clinical research: considering the alternatives. *Ver prescribe*. 2012; 32; 311-14. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p71.

8 Light DW, Lexchin JR. Pharmaceutical research and development: what do we get for all that money? *BMJ*. 2012;344: e4348. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p71.

9 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p. 71-72.

variações de substâncias conhecidas, ou seja, podem ser considerados que não são descobertas novas. É raro que esses medicamentos similares possam expressar um avanço terapêutico, mesmo sendo vistos comumente como inovações de mercado.<sup>10</sup>

Ainda no cenário dinamarquês, 1160 médicos foram contratados pela indústria farmacêutica para fazer aconselhamentos como membro ou consultor de Comitê Consultivo, o que seria um número absurdo o qual não condiz com a realidade da quantidade necessária para realizar tal função. Com isso, pode-se concluir que, “esse número enorme sugere que as pessoas que trabalham na indústria farmacêutica ou são excepcionalmente burras, pois parecem precisar de orientação o tempo todo, ou são espertas, pois compram os médicos”. De acordo com a Pharmaceutical Marketing, o aconselhamento é um dos meios mais poderosos de chegar perto de pessoas e influenciá-las. Molda a formação médica e no processo de avaliar com os indivíduos podem ser usados. A maioria dessas consultorias pode ser resumida em suborno, e os consultores como pseudoconsultores.<sup>11</sup>

Por exemplo, a Astra-Syntex possuía apenas um fármaco relevante, o naproxeno, para artrite. Para isso, possuía um consultor que era reumatologista e seus honorários de cinco horas correspondiam a novecentas horas de trabalho de um médico comum. Esse consultor era sempre positivo em relação ao medicamento da empresa. É atrativo para uma empresa rastrear especialistas e contratá-los, em especial aqueles que são líderes-chave de opinião, por influenciarem quais medicamentos serão escolhidos por médicos especialistas e generalistas.

Em mais uma pesquisa feita na Dinamarca, foi feita a relação da quantidade de médicos especialistas trabalhavam para a indústria, englobando as especialidades que possuía mais de 1 a cada 5 médicos envolvidos. As especialidades com maior potencial de mercado estavam nas primeiras colocações, sendo elas: endocrinologia, oncologia, hematologia

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>11</sup> Jackson T. Are you being duped? *BMJ*. 2001; 322:1312. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.74.

e cardiologia.<sup>12</sup> Já uma pesquisa australiana, afirmou que um quarto dos especialistas foi do comitê consultivo de uma empresa no último ano, sendo que a maioria disse que recebeu menos de 4 mil dólares por ano em seus serviços. Contudo, outros estudos relatam que líderes-chaves de opinião podem receber de 50 mil libras a 400 mil dólares por serem do comitê consultivo ou por prestar oito horas de consultoria.<sup>13</sup>

Quatro das maiores empresas de implantes de quadril e joelho doaram mais de 800 milhões de dólares em 6500 acordos de consultoria com médicos entre 2002 e 2006. Alguns médicos podem ganhar até 90 mil euros por uma conferência ou 600 mil euros em taxas de consultoria. A orientação que os consultores tenham, devem relacionar-se com o marketing acima de tudo.<sup>14</sup>

A terceira maior categoria de médicos que trabalham para a indústria farmacêutica na Dinamarca é a de palestrantes. Cerca de mil médicos trabalha, e isso significa um médico palestrando para cada 20 outros. Não é necessária permissão para realizar uma palestra e com isso, cada palestrante realiza diversas palestras por ano. Nos Estados Unidos, mais de 60% da educação médica continuada está sendo paga pela indústria farmacêutica, tendo honorários generosos que atraem muitos educadores médicos. Um levantamento realizado em 2002 concluiu que psiquiatras recebiam 3 mil ou 10 mil dólares por palestra. Nesse mesmo ano, houve 30 simpósios gratuitos patrocinados na reunião da Associação Americana de Cardiologia, e um famoso cardiologista ganhou mais de 100 mil dólares em uma única reunião. Desta forma, médicos que viajam

---

12 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p75. Tabela 8.2.

13 Boseley S. Junket time in Munich for the medical profession – and it’s all on the drug firms. *The Guardian*. 2004 Oct 5. *apud* Abelson R. Whistle-blower suit says device maker generously rewards doctors. *New York Times*. 2006. Jan 24. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p. 75-76.

14 Moore J. Medical device payments to doctors draw scrutiny. *Star Tribune*. 2008 Sept 8. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.76.

por todo o país para anunciarem os produtos de determinada empresa são denominados prostitutas do marketing.<sup>15</sup>

Rotineiramente, a indústria farmacêutica diz que não influencia o conteúdo de seus cursos. No entanto, essas afirmações não são confiáveis. O conteúdo do curso é enviesado e os participantes favorecem seus patrocinadores ao final.<sup>16</sup> Depois que um profissional de educação médica aceitou dois médicos para falarem sobre saúde da mulher, a Organin, que vende hormônios, escreveu de volta agradecendo a ajuda política em meio às considerações favoráveis do tópico e do palestrante. Os órgãos representativos da indústria farmacêutica na Austrália e Reino Unido, admitiram que é assim que fazem negócio e, um médico que não atue de maneira satisfatória não será convidado novamente.<sup>17</sup> Em uma palestra apresentada na reunião anual da Associação Americana de Diabetes, uma empresa solicitou uma cópia dos slides dos palestrantes e desenvolveu perguntas para serem feitas na audiência após a fala, a fim de contraporem comentários negativos sobre o fármaco. Esta estratégia foi eficaz e o palestrante abordou apenas o lado positivo do Neurontin.<sup>18</sup>

---

15 Elliot C. Pharma goes to the laundry: public relations and the business of medical education. *Hastings Cent Rep.* 2004; 34:18-23. *apud* Boseley S. Scandal of scientists who take money for papers ghostwritten by drug companies. *The Guardian.* 2002 Feb 7. *apud* Kassirer JP. *On the take: how medicine's complicity with big business can endanger your health.* Oxford: Oxford University Press; 2005. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p76-77.

16 Bowman MA, Pearle DL. Changes in drug prescribing patterns related to commercial company funding of continuing medical education. *J Contin Educ Health Prof.* 1988; 8: 13-20. *apud* Bowman MA. The impact of drug company funding on the content of continuing medical education. *Mobius.* 1986; 6: 66-9. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.77.

17 Moynihan R. Key opinion leaders, independent experts of drug representatives in disguise? *BMJ.* 2008; 336: 1408. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.77.

18 Steinman MA, Bero LA, Chren MM, *et al.* Narrative review: the promotion of gabapentin: na analysis of internal industry documents. *Ann Intern Med.* 2006; 145: 284-93. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.77.

De acordo com a *Practical Guide to Medical Education*, os defensores de produto são fundamentais para influenciar os médicos e que “a chave é avaliar suas visões e potencial para influência, recrutá-los para atividades de construção de relacionamentos especialmente delineadas e, a seguir, fornecer a eles um programa de plataformas apropriadas de comunicação”.<sup>19</sup> Uma empresa de educação médica declarou que “a educação médica é uma ferramenta poderosa que pode comunicar sua mensagem para públicos-chave e persuadir esses públicos a tomarem atitudes que beneficiem seu produto”.<sup>20</sup>

“A *Development & Management of Key Opinion Leaders* (Desenvolvimento e Gestão de Líderes-Chave de Opinião) foi um curso de 2009 sobre como identificar os líderes-chave de opinião, interagir com eles e desenvolvê-los, bem como a forma de promover seu gerenciamento estratégico”.<sup>21</sup> Os representantes de laboratórios são aconselhados a trabalharem com líderes-chave de opinião para que se tornem defensores do produto, além de descobrir jovens que possam se tornar líderes-chave de opinião.<sup>22</sup> Um slide show da Merck, obtido pelo *Wall Street Journal*, mostrou que a cada 1 dólar que a Merck investia em uma palestra por um médico, conseguia 3,66 dólares de retorno, enquanto se feito por um vendedor próprio da Merck, diminuiria para 1,96 dólar, o que confirma que médicos são melhores vendedores do que representantes

19 Burton B, Rowell A. *Disease Mongering*. SpinWatch. 2003. Available online at: [www.spinwatch.org/component/content/article/47-pharma-industry/29-disease-mongering](http://www.spinwatch.org/component/content/article/47-pharma-industry/29-disease-mongering) (accessed 11 November 2012). *apud* GOTZSCHE, Peter C. *Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.78.

20 Kassirer JP. *On the take: how medicine's complicity with big business can endanger your health*. Oxford: Oxford University Press; 2005. *apud* GOTZSCHE, Peter C. *Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p78

21 Key Opinion Leaders Europe. Conference announcement. *SMI*. 2009 June 15-16. *apud* GOTZSCHE, Peter C. *Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p78

22 Moynihan R. Key opinion leaders, independent experts of drug representatives in disguise? *BMJ*. 2008; 336: 1408. *apud* GOTZSCHE, Peter C. *Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p78

de laboratórios.<sup>23</sup> De acordo com o relato de um médico, a Wyeth era bem generosa com a venda de venlafaxina, um inibidor de recaptação de serotonina e noradrenalina. A empresa presenteava os médicos após as conferências com cheques de 750 dólares. As empresas farmacêuticas recebiam prescrições rastreadas por impresso dos médicos locais para que pudessem analisar como seu vendedor médico retribuía as regalias.<sup>24</sup>

Outro problema da medicina é a venda off-label. Um exemplo clássico é a terapia de reposição hormonal. As mulheres estavam tomando não somente em torno da menopausa e sim, por toda a vida. Os hormônios eram vendidos como bons para qualquer sinal e sintoma, com ênfase na prevenção de doença coronariana. Porém, um ensaio randomizado demonstrou que esses causavam doenças cardíacas. A Wyeth atuava por trás disso, por financiar o livro: “Feminina Para Sempre”, escrito por um médico norte-americano, além de grupos de pacientes que pareciam ser independentes. Depois que foi descoberto que os hormônios são prejudiciais, a Novo Nordisk contratou uma empresa de relações públicas alemã para enviar cartas aos médicos minimizando os danos. No entanto, as vendas na Alemanha continuaram elevadas por conta de campanhas de marketing realizadas por algumas empresas, somada à avaliação crítica de um professor transformando o risco aumentado de doença cardíaca em “nenhuma diminuição no risco cardiovascular”.<sup>25</sup>

---

23 Can I buy you a dinner? Pharmaceutical companies increasingly use doctors' talks as sales pitches. 2005 Aug. Available online at: [www.worstpills.org](http://www.worstpills.org) (accessed August 2005). *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p78

24 Carlat D. Dr drug rep. *New York Times*. 2007 Nov 25. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p78

25 Rossouw JE, Anderson GL, Prentice RL, *et al.* Risks and benefits of estrogen plus progestin in healthy postmenopausal women: principal results From the Women's Health Initiative randomized controlled Trial. *JAMA*. 2002; 288: 321-33. *apud* Grill, M. *Kranke Geschäfte: wie die Pharmaindustrie uns manipuliert*. Hamburg: Rowohlt Verlag; 2007. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016. p79.

### 3. ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO DE FÁRMACOS: UM PROBLEMA ANTIGO

Como qualquer setor empresarial, a indústria farmacêutica busca estimular ao máximo o consumo. Interessa a ocorrência de um máximo de doenças e seus tratamentos, ou seja, de “medicalização”. Seus produtos necessitam ser consumidos em quantidade crescente. Este deve satisfazer a um só tempo tanto interesses do capital como do médico. A difusão generalizada da ideia do medicamento como solução permite que o médico, ao o prescrever, satisfaça as expectativas do paciente e as suas próprias. A prescrição é hoje o momento mais importante da consulta, em detrimento ou às vezes ocupando o lugar da anamnese e/ou do diagnóstico, ou substituindo crescentemente alternativas terapêuticas que em quadros clínicos específicos, eram dominantes no passado. Para o médico, o medicamento adequadamente prescrito dá prestígio e realça o seu poder sobre o paciente, e para este, nada mais importante para caracterizar a boa consulta que a prescrição, preferencialmente, da mais recente novidade farmacêutica. Pode ser óbvia a importância do papel do médico no consumo de medicamentos, medicalização e lucros. Mesmo sabendo dos mecanismos de ação utilizados pelos produtores para influenciar diretamente os consumidores, deve-se enfatizar a atuação sobre os médicos na tentativa de influenciar seus hábitos de prescrição.<sup>26</sup>

Além deste e entre os mecanismos menos diretos ou explícitos, sobressai a ingerência nas políticas de pesquisa, financiamento de jornais e revistas médicas e o relacionamento com médicos que possam representar um suporte no incremento das vendas, a exemplo dos professores e autoridades sanitárias.<sup>27</sup> Hemminki os denomina “leading physicians” ou “Key-physicians”. Seguindo estudo realizado por esse autor 16 entre os 337 médicos finlandeses passíveis de inclusão nessa categoria, por ela estudados, nada menos que 41% evidenciaram algumas formas de relacionamento com a indústria, como membro do conselho científico

---

26 BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p378

27 BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p379

ou administrativo.<sup>28</sup>

Quase metade do orçamento da Associação Médica Finlandesa, em 1972, proveio da indústria de remédios. Christensen e Bush ressaltam que os “Propagandistas de Laboratório” são a fonte mais frequentemente citada com relação ao conhecimento de uma nova droga. Duas outras fontes foram anúncios de jornais e propaganda enviada pelo correio. Alguns desses mencionados estudos enfatizam o fato de que as fontes de influência diferem conforme a especialidade médica e as características da droga envolvida. Os médicos que com maior número de contatos com colegas introduzem uma nova droga antes dos médicos com menos. O nível de educação geral e médica fazem com que seja mais facilmente retida e usada informações orais do que escritas, sendo esta uma das razões para o uso em larga escala, por parte dos fabricantes, do “representante de laboratório”.<sup>29</sup>

É também notável a importância dada à propaganda pela indústria farmacêutica. Nos anos 1974/1975 estimava-se haver um propagandista para dez médicos nos EUA, número que pode ser contrastado com uma média de 1:3 nos seguintes países: 640 para 2.000 médicos, na Guatemala; 9.000 para 32.000 médicos, no México; 14.000 para 45.000 médicos, no Brasil. As companhias veem o propagandista muito mais como um “promotor de vendas” do que “relações públicas”. Segundo a pesquisa realizada por Frenkel, as comissões e salários dos vendedores representariam, em média, acima de 60% das despesas com vendas realizadas pelas firmas no Brasil. Na Finlândia, 64% dos médicos consideraram a informação dada pelos propagandistas como sendo “útil” e apenas 14% acharam-na “inútil”. Em relação aos métodos usuais de promoção de drogas, 56% dos clínicos gerais e 37% dos especialistas consideraram o propagandista como a melhor fonte, de acordo com

---

28 HEMMINKI, E. & PESONEN, T. An inquiry into association between leading physicians and the drug industry in Finland. *Soc. Sci. Med.* 11:501-6, 1977. *apud* BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p379.

29 CHRISTENSEN, D.B. & BUSH, J.P. Drug prescribing: patterns, problems and proposals. *Soc. Sci. Med.*, 15A:343-55, 1981. *apud* BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p379, p380

Fassold e Gowdey.<sup>30</sup>

Já a propaganda enviada pelo correio foi considerada menos informativa. Mais de 500 médicos responderam ao questionário e classificaram os Representantes de Laboratório de forma favorável quanto aos atributos de “personalidade”, “confiabilidade” e “honestidade”. Um estudo no Reino Unido revelou que os representantes são a principal fonte de informação sobre a existência de um novo produto para 78% dos médicos; 61% das respostas classificaram essa fonte como boa ou razoável para saber da eficiência de um novo produto, atrás de alternativas como “artigos em revistas especializadas”, recomendações de especialistas”, “contatos com outros médicos” e “cursos de reciclagem”.<sup>31</sup> No Brasil, com a enorme dependência das promoções da indústria farmacêutica, o grau de confiabilidade deve ser maior ainda. Frenkel citou o manual de vendas de um produto: o primeiro contato pessoal junto aos médicos visa um duplo objetivo: a ‘venda de imagem’, e sua divisão farmacêutica; o segundo, a promoção do produto, para estabelecer um imediato e progressivo volume de receituário. “Uma vez atingido o objetivo, a receptividade e o interesse dos médicos pelo produto estará praticamente assegurada, e pode-se acrescentar que esses resultados não são facilmente perecíveis, e em muitos casos eles ficam permanentemente gravados”.<sup>32</sup>

São omitidos com certa frequência as contraindicações e os efeitos adversos dos fármacos. Além dos mecanismos de propaganda supracitados, existe uma via de presença marcante na indústria farmacêutica. As bulas servem para incrementar as vendas, ao favorecer ou facilitar a automedicação, minimizar efeitos colaterais ou contraindicações e ao ampliar a gama de indicações ou efeitos terapêuticos. Em 1974, foi feita uma pesquisa que comparou o material promocional de quarenta produtos, fabricados pelas mesmas multinacionais.<sup>33</sup>

---

30 BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p380.

31 BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p381

32 FRENKEL, J. et al. *Tecnologia e competição na indústria farmacêutica*. [Apresentado à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Centro de Estudos e Pesquisas (CEP), 1978]. *apud* BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p381, p382

33 BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p382

O número abusivo de especialidades farmacêuticas existentes no mercado fomenta ainda mais o lucro das empresas. “No Brasil, a Central de Medicamentos (CEME) aprovou em 1979, para entrar em vigor em 1980, uma relação de medicamentos básicos, posteriormente denominada ‘Relação Nacional de Medicamentos Essenciais’ (RENAME), da qual constam trezentos e quatorze fármacos, sob quatrocentos e sessenta e três formas de apresentação, dando cobertura aos programas governamentais específicos do Ministério da Saúde (tuberculose, saúde mental, hanseníase, câncer, imunização e campanhas contra endemias), bem como à clientela previdenciária assistida pelo INAMPS. Os objetivos da RENAME eram bastante ambiciosos e à simples leitura pode-se apreender a inviabilidade prática de muitos deles, face ao contexto político dominante”. O médico e a farmácia são os dois principais agentes na propagação de um fármaco. A importância desta última transcende a prescrição na medida em que inúmeras pessoas utilizam o balconista como substituto do médico, ou chegam ao local possuindo os nomes dos produtos que desejam adquirir. As bonificações, dilatação do prazo do pagamento das faturas de compra e os produtos incluídos na categoria de “populares” são mecanismos realizados pelos fabricantes e varejistas para incrementar as vendas.

Aqueles que regem a empresa médico-hospitalar ou o complexo médico-industrial se opõem diametralmente aos postulados de uma medicina direcionada à minimização das doenças ou que tenha a saúde como preocupação maior. Uma atenção particular há que ser dada à questão da propaganda, seja qual for seu destinatário (o médico ou o paciente).<sup>34</sup>

#### 4. A COMERCIALIZAÇÃO DE GENÉRICOS

De acordo com Peter Gotzche<sup>35</sup>, algumas das ações criminosas consistem em manter fabricantes de genéricos fora do mercado quando a

<sup>34</sup> BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983. p383-385

<sup>35</sup> GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33

patente expira. A GlaxoSmithKline se envolveu em atividades assim. Em 2004, teve que pagar 175 milhões de dólares porque bloqueou formas genéricas mais baratas de Relafen, um antiinflamatório não esteroideal. Em 2006, pagou 14 milhões de dólares para resolver acusações de programas de governos estaduais pagavam preços inflados de Paxil porque a empresa realizava fraude de patente, em violações antitrustes e em litígio para manter um monopólio e bloquear a entrada no mercado de versões genéricas.<sup>36</sup>

Nos EUA, os genéricos podem ser mantidos fora do mercado por anos, mesmo legalmente. Se uma empresa entrar com uma ação judicial contra um concorrente genérico, afirmando uma violação de patente, por exemplo, a aprovação do medicamento é postergada pela FDA de forma automática por 30 meses. Assim, a Glaxo conseguiu estender sua exclusividade para o medicamento antidepressivo mais bem vendido em mais cinco anos.<sup>37</sup>

Em 2008 um relatório afirmou que pelos genéricos terem sido mantidos fora do mercado na Europa, custou em torno de três bilhões de euros em apenas oito anos para a União Europeia.<sup>38</sup>

Em 2003, a empresa Bystol-Myers Squibb pagou 670 milhões de dólares para encerrar acusações por forçar pacientes com câncer a pagarem valores exorbitantes. A Comissão Federal de Comércio acusou a empresa de um padrão de bloqueio ilegal da entrada de concorrentes genéricos com

---

36 Company news; drug maker agrees to pay 175\$ million in lawsuit. *New York Times*. 7 fev. 2004. *apud* Wikipedia. GlaxoSmithKline. Disponível on-line em: <http://en.wikipedia.org/wiki/GlaxoSmithKline> (acessado: 20 jun. 2012). *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33.

37 Relman AS, Angell M. America's other drug problem: how the drug industry distorts medicine and politics. *The New Republic*. 2002 Dec 16: 27-41. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33.

38 Jack A. Legal tactics to delay launch of generic drugs cost Europe €3bn. *BMJ*. 2008; 337: 1311. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33.

uma década de duração, ludibriando o escritório de patentes ao submeter queixas fraudulentas e oferecendo a um concorrente uma propina de 72 milhões de dólares para não comercializar seu medicamento genérico.<sup>39</sup>

Em 2013, a Lundbeck foi multada em 94 milhões de euros pela Comissão Europeia, pois diversos produtores genéricos aceitaram, em 2002, retardar a entrada no mercado de antidepressivos. A empresa também tinha adquirido o estoque de genéricos com a finalidade de destruí-lo.<sup>40</sup>

## 5.MULTAS COMO ROTINA

As fabricantes de medicamentos nunca falam sobre os benefícios e danos de seus produtos e sim, de sua eficácia e segurança. Com isso, nos

---

39 Anonymous. Bristol-Myers will settle antitrust charges by U.S. *New York Times*. 8 mar. 2003. *apud* Avorn J. *Powerful Medicines: the benefits, risks, and costs of prescription drugs*. New York: Vintage Books; 2005. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33.

40 European Comission. *Antitrust: Comission fines Lundbeck and other pharma companies for delaying market entry of generic medicines*. Press release. 19 jun. 2013. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p33.

leva a pensar que ingerir medicamentos só possui pontos positivos, por serem eficazes e seguros. Além disso, acreditamos que os medicamentos foram testados cuidadosamente e analisados de forma minuciosa pelas agências reguladoras. Contudo, o que ocorre é o contrário: os medicamentos sempre causam danos. Se não fosse desta forma, os mesmos seriam incapazes de oferecer benefícios significativos. É crucial para os medicamentos encontrar uma dose que seja mais benéfica do que malefícios na maioria dos pacientes. De acordo com Sir William Osler, o desejo de ingerir medicamentos talvez seja a maior característica que distingue o homem dos animais. Um exemplo cômico referido é a neurotoxina produzida pelo *Clostridium botulinum*. É um dos venenos mais fortes da natureza e ao mesmo tempo é utilizado para tratar rugas faciais.<sup>41</sup>

Por deverem ser usados com cuidado e serem perigosos, os padrões éticos dos pesquisadores e comerciantes de fármacos deveriam, por conseguinte, ser bem elevados. Dentro do cenário das empresas farmacêuticas, a avaliação de pessoas de dentro delas varia muito: de muito positivas a muito negativas. Porém, o mais interessante a ser analisado é a impressão que estas querem passar para o público: de um falso comprometimento das empresas com a honestidade, respeito e responsabilidade social. No entanto, existe uma falta de conexão entre as declarações da indústria farmacêutica de possuírem padrões éticos, cumprir exigências legais e propagar informações precisas sobre seus produtos e a realidade de conduta destas. Ao exemplo de uma pesquisa interna feita em 2001 com funcionários da Pfizer, que mostrou que cerca de 30% não concordavam com a afirmação “a alta administração demonstra comportamento honesto, ético”.<sup>42</sup> A Pfizer pagou 60 milhões de dólares em 2012 para encerrar uma investigação acerca de suborno no

---

41 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p21

42 Rost P. *The Whistleblower: confessions of a healthcare hitman*. New York: Soft Skull Press; 2006. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p22.

exterior. Foi acusada de subornar médicos, administradores de hospital e reguladores de medicamentos em países da Europa e Ásia.<sup>43</sup>

Na década de 1990, a Hoffman-La Roche liderava um cartel que, de acordo com o Departamento de Justiça dos EUA, era a conspiração antitruste criminosa mais prejudicial e difundida jamais descoberta. Com outras gigantes empresas mundiais, atuavam dividindo mercados mundiais e orquestravam o aumento dos preços e com isso a Roche produziu resultados de 3,3 bilhões de dólares nos EUA. Em 1997, cada envolvido pagou um bilhão de dólares para encerrar a investigação antitruste, enquanto a Roche pagou 500 milhões de dólares. Esse cartel existia há muitos anos, pois uma fonte interna já tinha denunciado a Roche em 1973 e a Comissão Europeia tinha tomado medidas. A Roche também comercializava morfina ilegalmente durante as duas guerras mundiais, assim como outras empresas, que estavam envolvidas com o ópio, morfina e heroína. O diretor-executivo da Roche nos EUA, Elmer Bobst, tentou convencer a diretoria a cessar as práticas antiéticas. No entanto, a empresa continuou com o comércio de narcóticos escondido de Elmer, que acabou descobrindo posteriormente. A Roche apenas concordou em interromper o comércio quando o governo tinha ameaçado excluir a empresa de fazer negócios no país se esta não parasse. Em seu livro, Bobst descreve como a Roche evitou os impostos suíços. A promoção de medicamentos que as pessoas não precisam é algo altamente lucrativo, em especial os relacionados ao cérebro. A Roche promoveu o Valium até este tornar-se o mais vendido no mundo, embora seu alto preço no atacado. E na década de 1970, a Roche foi multada por assumir comportamento anticoncorrência na venda de Valium, e de Librium (tranquilizante). Passaram-se 27 anos desde o primeiro relato publicado sobre dependência para que os reguladores reconhecessem que os tranquilizantes criam forte dependência. A indústria farmacêutica não se importa se suas ações são legais ou não, pois o que é legal não é estático e pode mudar

---

43 Rockoff JD, Matthews CM. Pfizer settles federal bribery investigation. *Wall Street Journal*. 2012 Aug 7. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016. p22

conforme o país, a moda e as crenças. Por exemplo: os narcóticos, que nem sempre foram ilegais ou sua legalidade é existente em alguns países. John Braithwaite afirmou que as pessoas que promovem a dependência de drogas ilícitas como a heroína são consideradas inescrupulosas pela sociedade moderna. No entanto, os produtores de medicamentos lícitos são vistos como fornecedores de um bem social.<sup>44</sup>

O autor do livro realizou 10 buscas no Google em 2012, combinando as 10 maiores empresas farmacêuticas do mundo com a palavra “fraude”. Havia entre 0,5 a 2,7 milhões de ocorrências para cada empresa. Assim, foi selecionado o caso mais proeminente nas 10 ocorrências na primeira página de busca do Google. Os 10 casos eram recentes (2007-2012) e todos se relacionavam com os EUA. Os crimes mais comuns foram: comercialização ilegal recomendando medicamentos para uso *off-label* distorção de resultados de pesquisa, ocultação de dados sobre danos e fraude contra o Medicaid e o Medicare.<sup>45</sup>

Os destaques da fraude contabilizada são os seguintes:

---

<sup>44</sup> Braithwaite J. *Corporate Crime in the Pharmaceutical Industry*. London: Routledge & Kegan Paul; 1984 *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p23, p24

<sup>45</sup> Reuters. Factbox – *The 20 largest pharmaceutical companies*. 26 mar. 2010. *apud* GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p24, p25

Pfizer	2,3 bilhões	2009	<p>Houve má produção de embalagens no intuito de “fraudar ou enganar” e a empresa promoveu ilegalmente quatro produtos: Bextra; Geodon; Zyvox e Lyrica. Foi cobrada a quantia de um bilhão de dólares pela Pfizer ter dado propinas e acomodações luxuosas aos profissionais de saúde para incentivá-los a prescrever esses quatro medicamentos, além de pagar 102 milhões de dólares a seis delatores. Também ingressou em um Acordo de Integridade Corporativa (Corporate Integrity Agreement), no qual foram exigidos cinco anos de bom comportamento.<sup>1</sup></p>
Novartis	423 milhões	2012	<p>Pela responsabilidade criminal e civil do comércio ilegal de Trileptal. A empresa comercializava ilegalmente tal fármaco e outros cinco medicamentos, fazendo declarações falsas serem submetidas aos programas de atenção à saúde do governo. A empresa pagou propinas aos profissionais da saúde</p>

---

1 Pfizer agrees record fraud fine. BBC News. 2 set. 2009. apud Tanne JH. Pfizer pays record fine for off-label promotion of four drugs. BMJ. 2009; 339: b3657 apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p25

Empresa	US\$	ANO	FATOS
---------	------	-----	-------

para induzi-los a prescrever Trileptal e outros cinco medicamentos. Os delatores, todos sendo funcionários da Novartis, receberam mais de 25 milhões de dólares e a empresa assinou um Corporate Integrity Agreement.<sup>2</sup>

Sonofi-Aventis	95 milhões	2009	A empresa tinha superfaturado agências locais e norte-americanas por medicamentos destinados a pacientes indigentes. A Aventis deturpou deliberadamente os preços, pagou a menos por abatimentos ao Medicaid e superfaturou agências de saúde pública. A fraude ocorreu entre 1995 e 2000. <sup>3</sup>
----------------	------------	------	---

---

2 United States Department of Justice. Novartis Pharmaceuticals Corp. to Pay More than \$420 million to Resolve Off-Label Promotion and Kickback Allegations. 30 set. 2010. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p25, p26

3 SourceWatch. Sanofi-Aventis. 2011 Jan 23. Disponível on-line em: [www.sourcewatch.org/index.php?title=Sanofi-Aventis](http://www.sourcewatch.org/index.php?title=Sanofi-Aventis) (acessado: 19 jun. 2012). apud Aventis to pay \$95 million to settle fraud charge. AFP. 28 maio 2009. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p26

Empresa	US\$	ANO	FATOS
Glaxo Smith Kline	3 bilhões	2011	É o maior encerramento de fraude em atenção à saúde na história dos EUA. A empresa comercializou ilegalmente medicamentos para uso off-label. Um ex-vice-presidente e alto advogado da empresa foi acusado de prestar falso testemunho e obstruir uma investigação federal de comercialização ilegal de Wellbutrin, para perder peso. A Glaxo pagou propinas aos médicos, omitiu dados de segurança sobre o Rosiglitazona, e seus programas sugeriam benefícios cardiovasculares do Avandia. O Avandia foi retirado do mercado na Europa em 2010 por aumentar as mortes por causa cardiovascular. <sup>4</sup>
Empresa	US\$	ANO	FATOS

---

<sup>4</sup> Rabiner S. Glaxo \$3B fine largest healthcare fraud settlement in history? Findlaw. 10 nov. 2011. apud United States Department of Justice. GlaxoSmithKline to Plead Guilty and Pay \$3 billion to Resolve Fraud Allegations and Failure to Report Safety Data. 2 jul. 2012. apud Thomas K, Schmidt MS. Glaxo agrees to pay \$3 billion in fraud settlement. New York Times. 2 jul. 2012. apud Wilson D. Ex-Glaxo executive is charged in drug fraud. New York Times. 9 nov. 2010. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p26

Empresa	US\$	ANO	FATOS
Astrazeneca	520 milhões	2010	Esta comercializava ilegalmente um de seus produtos mais vendidos: o antipsicótico Seroquel, para usos não aprovados pela FDA. Além disso, a empresa direcionou seu marketing para médicos que não tratavam pacientes psicóticos e pagou propina a alguns deles. <sup>5</sup>
Johnson & Johnson	1,1 bilhão	2012	A empresa e sua subsidiária Janssen tinham subestimado e ocultado os riscos do antipsicótico Risperdal, com quase 240 mil violações à lei por fraude. A Janssen mentiu sobre efeitos colaterais potencialmente fatais do fármaco. Os crimes atingiam também as crianças. Mais de um quarto do uso de Risperdal era em crianças e adolescentes. Um psiquiatra infantil mundialmente conhecido, Joseph Biederman, de Harvard, promovia o medicamento para crianças e também extorquia a empresa. O médico ficou furioso depois que a Johnson & Johnson rejeitou um pedido de apoio financeiro. <u>Acusações do governo dos</u>

<sup>5</sup> Khan H, Thomas P. Drug giant AstraZeneca to pay \$520 million to settle fraude case. ABC News. 27 abr. 2010. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p26, p27

Empresa	US\$	ANO	FATOS
Merck	670 milhões	2007	<p data-bbox="575 262 1058 739">EUA afirmavam que a empresa pagou propinas para induzir a Omnicare, maior farmácia para lares de idosos do país, a comprar e indicar o Risperdal e outros fármacos. A Johnson &amp; Johnson não informou que a FDA tinha advertido a empresa que seu antipsicótico sua segurança e eficácia seriam falsas e enganosas acerca do consumo por idosos porque o medicamento não tinha sido estudado para ser utilizado nessa faixa etária.<sup>6</sup></p> <p data-bbox="575 795 1058 1190">A empresa não tinha pagado os abatimentos apropriados ao Medicaid e a outros programas governamentais de atenção à saúde e também pagou propina a médicos e hospitais para induzi-los a prescrever diversos medicamentos. De 1995 a 2001, a equipe de vendas da Merck usou cerca de 15 programas para induzir a prescrição de seus medicamentos,</p>

---

6 Ark. judge fines Johnson & Johnson more than \$1.1B in Risperdal case. CBS/AP. 11 abr. 2012. apud Harris G. Research center tied to drug company. New York Times. 25 nov. 2008. apud Kelton E. J&J needs a cure: new CEO allegedly had links to fraud. Forbes. 17 abr. 2012. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p29

Empresa	US\$	ANO	FATOS
			dentre eles: pagamentos em excesso disfarçados em taxas como “treinamento” e “consultoria”. A empresa concordou com um Corporate Integrity Agreement. <sup>7</sup>

Eli Lilly	1,4 bilhão	2009	A empresa possuía um amplo esquema de comercialização sem autorização de seu medicamento líder de vendas, o antipsicótico Zyprexa. A Eli Lilly pagou 800 milhões de dólares em penalidades e declarou-se culpada por acusações criminais, pagando uma multa de 600 milhões de dólares. As acusações partiram de seis delatores, sendo que todos tinham sido demitidos ou forçados a renunciar pela empresa. A Lilly comercializava seu antipsicótico para diversos usos não autorizados, como Alzheimer, depressão e demência, principalmente para crianças e idosos, <u>tendo danos substanciais</u> . <sup>8</sup>
-----------	------------	------	--

7 Silverman E. Merck to pay \$670 million over Mercaid fraud. *Pharmalot*. 7 fev.2008. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p29, p30

8 Reuters. The largest pharma fraud whistleblower case in U.S. history totaling \$1.4 billion. 15 jan. 2009. GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016. p30

Empresa	US\$	ANO	FATOS
Abbott	1,5 bilhão	2012	A empresa sofreu acusações de fraude contra o Medicaid por comercialização ilegal do medicamento para epilepsia Depakote. A Abbott pagou 800 milhões de dólares em danos e penalidades. Também se confessou culpada de uma violação do <i>Food, Drug and Cosmetic Act</i> e concordou em pagar uma multa e sofrer um confisco de 700 milhões de dólares. A empresa foi acusada de promover a venda e recomendação de Depakote para uso que não foram aprovados pela FDA como seguros e eficazes. Os Laboratórios Abbott fizeram declarações falsas e enganosas sobre a segurança, a eficácia, a dosagem e o custo-efetividade do fármaco para usos não aprovados. Também pagou propinas para induzir médicos a prescreverem ou promoverem o Depakote. A Abbott também ingressou em um <i>Corporate Integrity Agreement</i> . <sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Anonymous. Abbott Labs to pay \$1,5 billion more for Medicaid fraud. 2012 May 8. Disponível on-line em: <http://somed.com/news/headlines/2012/15451.shtml> (acessado: 19 jun. 2012). apud Roehr B. Abbott pays \$1.6bn for promotion off-label use valproic acid. *BMJ*. 2012; 344: e3343. apud GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p30

## 6. INDÚSTRIA FARMACÊUTICA E CRIME ORGANIZADO

O crime corporativo é comum com gritante desrespeito pelas mortes e outros danos sérios causados por eles. Em relação à lista anterior, o autor afirma que é fácil encontrar outros crimes cometidos pelas mesmas 10 empresas, fora dos EUA e crimes cometidos por outras empresas. Goetzche utilizou a palavra “fraude”, no entanto, poderia ter associado a outras, como “ilegal” e “propina” e ainda assim teria encontrado muitos crimes adicionais.<sup>46</sup>

Os crimes são tão disseminados, repetitivos e variados que a conclusão é que essa prática é cometida deliberadamente, pois compensa. As multas são vistas como uma despesa de marketing e assim, continuam suas práticas ilegais. É importante observar que muitos crimes seriam impossíveis se os médicos não estivessem dispostos a participar deles. Estes são cúmplices e curiosamente conseguem sair impunes das acusações. Muitos crimes envolvem em grande escala a corrupção de médicos que recebem dinheiro para serem induzidos a prescrever fármacos que muitas vezes podem ser de 10 a 20 vezes mais caros do que os mais antigos, sem tanta diferença na eficácia e segurança. Os médicos também têm

---

<sup>46</sup> GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.p31

acesso somente a informações selecionadas e manipuladas e acreditam, portanto, que os medicamentos sejam muito mais seguros e eficazes do que realmente são. Assim, tanto o comércio legal como o ilegal conduzem ao super tratamento significativo da população e muitos anos que poderiam ser evitados.<sup>47</sup>

Em 2004-5, o Comitê de Saúde da Câmara Britânica dos Comuns examinou a indústria farmacêutica em detalhes e descobriu que sua influência era enorme e incontrolável. É uma indústria que compra influência sobre médicos, instituições de caridade, grupos de pacientes, jornalistas e políticos, e cuja regulação é fraca. O relatório do comitê deixou evidente que reduzir a influência da indústria seria bom para todos, inclusive para ela mesma, que poderia concentrar-se no desenvolvimento de seus produtos ao invés de corromper todas as classes da saúde. Nele também dizia que necessitamos de uma indústria que seja conduzida pelos valores de seus cientistas e não pela equipe de vendas. O governo britânico não fez nada em resposta ao relatório, provavelmente porque a indústria farmacêutica é a terceira atividade mais lucrativa na Inglaterra. Mesmo com evidências sobre a influência insalubre dessa indústria na saúde pública, autoridades governamentais declararam que não havia qualquer evidência desta. O Departamento de Saúde defendeu a indústria, citando seu saldo comercial positivo de três bilhões de euros e que fornecem boas informações aos médicos, além de defender também os números crescentes de prescrições de antidepressivos. Quando questionado se o departamento compreendia que havia um conflito entre a necessidade de lucro e a responsabilidade governamental pela saúde pública, a resposta foi que o “relacionamento de parceiros entre governo e indústria traz muitos ganhos e muitos remédios inovadores... com enorme impacto sobre desfechos em saúde”. Com uma atitude de negação total, é esperado que o crime floresça na indústria de medicamento e se espalhe.<sup>48</sup>

47 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p35

48 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p35-36.

Atividades ilegais compreendem o ato de cometer determinado tipo de delito mais de uma vez. A lista de delitos que constituem atividades ilegais inclui extorsão, fraude, crimes federais ligados a drogas, suborno, peculato, obstrução da justiça, obstrução do cumprimento da lei, manipulação de testemunhas e corrupção política. E isso é exatamente o que as empresas farmacêuticas fazem o tempo inteiro, não deixando dúvidas de que seu modelo de negócio se iguala ao do crime organizado. Um ex-presidente da Pfizer afirmou exatamente a mesma coisa. Quando um crime leva à morte de milhares de pessoas, devemos encará-lo como contra a humanidade. Não se deveria distingui se é causado por armas ou medicamentos. No entanto, há uma notável complacência quanto a isso até mesmo com crimes letais. Isso pode estar perto de mudar, pois em 2010, o Departamento de Justiça dos EUA condenou um ex-vice-presidente da GlaxoSmithKline. Uma das respostas-padrão da indústria farmacêutica é que suas práticas mudaram radicalmente desde que o episódio foi relatado.<sup>49</sup>

Ao contrário da indústria farmacêutica, os médicos não prejudicam seus pacientes deliberadamente, e quando causam danos, seja por acidente, falta de conhecimento ou negligência, afeta somente um paciente de cada vez. As ações de executivos nas grandes empresas têm o poder de prejudicar milhares ou milhões de pessoas, e por isso, seus padrões de ética devem ser muito maiores do que dos médicos, e as informações que fornecem sobre seus produtos devem ser tão verídicas quanto possível, a partir de um exame metucioso e honesto dos dados.<sup>50</sup>

Quando o autor é questionado sobre o que ele pensa acerca dos padrões de ética da indústria, o mesmo responde sempre com uma piada, alegando que não possui uma resposta, pois não se pode descrever aquilo que não existe. O padrão da indústria se resume em lucros. Nos EUA, a indústria farmacêutica supera todas as outras em termos de crimes, possuindo mais que o triplo de violações sérias ou moderadas à lei.

---

49 Ibidem, p.36.

50 GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016, p.37.

As empresas também têm um recorde quanto a suborno e corrupção internacional e também para negligência criminosa na fabricação insegura de medicamentos. O suborno é rotineiro e envolve grandes quantidades de dinheiro. Quase todos os tipos de pessoas que têm poder de afetar os interesses da indústria foram subordinados, desde médicos a partidos políticos. Na América Latina, cargos como ministros da saúde são avidamente procurados, pois são quase invariavelmente ricos com a riqueza proveniente da indústria de medicamentos.<sup>51</sup>

## 7. CONCLUSÃO

O que o estudo de GOTZSCHE nos alerta é principalmente para o fato de que a medicalização da vida é resultado, ao menos em grande parte, dos esforços da indústria farmacêutica aumentar os seus lucros e suas vendas, criando e perpetuando um sistema de necessidade medicamentosa, que é na verdade um problema de saúde em si, e utilizando-se para tal de inúmeras estratégias que passam ao largo de um comportamento socialmente responsável. Compactuam com este estado de coisas médicos, suas associações, outros profissionais de saúde, a indústria do varejo medicinal, os poderes públicos inclusive os órgãos responsáveis pela fiscalização.

A relação entre propriedade intelectual e saúde é estreita, principalmente em razão das restrições impostas pelo regime proprietário dentro do qual funcionam as patentes de medicamentos e suas marcas distintivas. A postergação artificial do prazo de proteção e a barreira de entrada para os medicamentos genéricos, sobre os quais não incide a exclusividade patentária, somados à propaganda exaustiva e direcionada aos diversos públicos dos supostos benefícios, como omissão dos seus efeitos colaterais são exemplos de estratégias da indústria farmacêutica na busca por sempre maiores lucros, independente dos métodos e efeitos.

Sabedores da promiscuidade de muitas das relações entre esta indústria e a medicina que este levantamento inicial nos informa, os

---

<sup>51</sup> Ibidem, p.37.

futuros passos da pesquisa serão averiguar a projeção ou representação desta indústria e seus produtos nos cursos de medicina, inicialmente focando nos livros didáticos dos cursos de graduação. Estes são os próximos passos da pesquisa, cujo início acaba de ser concluído.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José Augusto C. Revista Saúde pública, São Paulo, 17:377-86, 1983.

BATISTA, Almária Mariz; CARVALHO, Maria Cleide Ribeiro Dantas de. Ciência & Saúde Coletiva, 18(2):553-561, 2013.

CORRÊA, Anderson Domingues; CAMINHA, Juliana dos Reis; SOUZA, Cristina Alves Magalhães de; ALVES, Luiz Anastacio. Ciência & Saúde Coletiva, 18(10):3071-3081, 2013.

GOTZSCHE, Peter C. Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica. Tradução: Ananyr Porto Fajardo. Porto Alegre: Bookman, 2016.

LIRA, Claudio Andre Barbosa de; OLIVEIRA, Jessica Nathalia Soares; ANDRADE, Marília dos Santos; VANCINI-CAMPANHARO, Cássia Regina; VANCINI, Rodrigo Luis. Einstein. 2014;12(3):267-73.

MAGARINOS-TORRES, Rachel; PEPE, Vera Lucia Edais; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; OSORIO-DE-CASTRO, Claudia Garcia Serpa. Ciência & Saúde Coletiva, 19(9):3859-3868, 2014.

MOLINARI, Giovani José Dal Poggetto; MOREIRA, Paulo Celso dos Santos; CONTERNO, Lucieni de Oliveira. Revista Brasileira de Educação Médica, v.29, n 2, maio/ago. 2005.

SOUZA, Caissa Veloso e; MESQUITA, Jose Marcos Carvalho de; LARA, José Edson. Ciência & Saúde Coletiva, 18(11):3311-3320, 2013.